

Sandra Augusta Leão Barros

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Angela F. P. Leite

*a*

*ESCALA BAIRRO e O CONCEITO  
DE LUGAR URBANO: O CASO DE  
APIPUCOS e POÇO DA PANEIA NO  
RECIFE*

RESUMO

A escala bairro seria a mais apropriada para a associação do conceito de lugar urbano? O que é bairro? E lugar urbano? O bairro é uma unidade territorial, uma escala intermediária entre a escala da rua e a da cidade, com forma e tamanho, essencial para a existência da realidade urbana. É dotado de limite que o circunscrive político-administrativamente e uma carga histórica-social ligada àquele suporte físico que o encerra. Por outro lado, o conceito de lugar urbano alia-se a uma base territorial e cultural, e, principalmente, à essência vivida. É o ponto de maior convergência entre espaço social e espaço geométrico. Corresponde à escala do pedestre, adequada e compatível com as dimensões do corpo humano, passível de ser percorrida a pé; dá-se a conhecer pelo “uso”.

A provável associação desses conceitos é o propósito deste ensaio, o qual compartilha as mesmas idéias da dissertação de mestrado da pesquisadora, com esse mesmo tema, e os bairros recifenses de Apipucos e Poço da Panela como estudos de caso.

ABSTRACT

The district scale would be the most appropriate for the association of the urban place concept? What is a district? And a urban place? A district is a territorial unit, an intermediary scale between the street's scale and the city's scale, which has a shape and a dimension, essential for the existence of urban reality. It has a limit which circumscribes political-administratively and has also a historical-social contents connected to that physic support which enclose it.

By the other side, the urban place concept allies a territorial and a cultural basis, and lived essence fundamentally. It is the point that has the strongly convergence between the social space and the geometric space. It is like the pedestrian's scale, adequated and compatible with human dimentions, possible of being crossed by foot; reachable of knowing by the “use”.

The probable association of these concepts is the objective of this paper, which divides the same ideas of the master thesis of the author, that has this theme and the Recife's districts of Apipucos and Poço da Panela as case's studies.

## O QUE É BAIRRO?

### As espacialidades acerca da palavra “bairro”

Em se tratando da palavra “bairro”, a primeira questão suscitada é sobre a origem do nome e seu significado. Qual a origem da palavra bairro? Qual a raiz do vocábulo, é latina? Qual a abrangência espacial de sua nomenclatura? Associa-se, historicamente, a porções territoriais urbanas como as vemos hoje? Assim, em um primeiro momento, a definição de bairro recai sempre em uma divisão territorial da cidade, com algumas referências ao vocábulo árabe “barri” ou, no território nacional, ao termo “arraial”, utilizado nas cidades de Minas Gerais, como se pode observar a seguir:

*“BAIRRO – Cada uma das partes em que se divide uma cidade.// Cada uma das divisões administrativas dos Concelhos de Lisboa e Porto, presidida por um administrador de bairro, com atribuições idênticas aos administradores de concelho nas outras terras do país. // Em geral, uma porção de território de qualquer povoação. // Do lat. ‘barrium’, ou do ár. ‘barri’ (de fora, exterior).”*

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1948, v. 1.

*“BAIRRO – Cada uma das zonas principais em que se divide uma cidade, ou uma porção de território nas proximidades de um núcleo urbano.”*

CORONA & LEMOS, [...]. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

*“BAIRRO – do lat. barra, barriu, o que é separado, delimitado, trancado.*

- 1. Cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade.*
- 2. Porção de território de uma povoação, mais ou menos separada.*
- 3. Arrabalde, subúrbio.”*

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 595.

*“BAIRRO – 1. Cada uma das partes principais em que se divide uma cidade.*

- 2. Porção de território de uma povoação.*
- 3. Arraial, povoação.”*

ENCYCLOPAEDIA Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1981, p. 245.

“BAIRRO – Nome que, na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, se dá aos pequenos povoados ou arraiais dos municípios. Tem a mesma significação de comércio, comercinho, rua, etc. Informação do Dr. Mário Campos, prefeito de Araxá (1928).”

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961, p. 23.

“BAIRROS – São urbes elementares.”

RUBIÓ, Manuel de Solá-Morales i. *Las formas de crecimiento urbano*. Barcelona: Ediciones de la Universitat Politècnica de Catalunya (UPC), 1997, p. 129.

Em uma pesquisa sobre o povoamento do interior do estado de São Paulo e vizinhança, o sociólogo Antônio Candido obtém uma definição interessante que relaciona o recorte físico a laços afetivos: “(...) além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o ‘sentimento de localidade’ existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico: – O que é bairro? – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: – **Bairro é uma naçãozinha**. – Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras”<sup>1</sup>.

Em Portugal, a definição de bairro está associada ao “lugar de freguesia de ...”, ou seja, várias freguesias formam um bairro, sendo este uma região político-administrativa espacialmente maior do que os recortes brasileiros. A cidade de Lisboa se encontra dividida em apenas quatro grandes bairros (Lisboa Oriental, Lisboa Ocidental, Bairro Alto e Bairro Baixo), a encobrirem um total de 43 freguesias, cada uma devota de um santo protetor. O reconhecimento do território por seus habitantes é feito pela denominação das freguesias, os bairros servem apenas para funções administrativas e de controle de serviços por parte da Câmara Administrativa de Lisboa, espécie de prefeitura local<sup>2</sup>.

O geógrafo Marcelo Souza, em seu ensaio sobre bairro como unidade política, busca a fundo o significado da raiz do vocábulo em outras línguas. Apoiando-se no *Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*, o qual define “barrio” como “voz tomada do árabe, e que só se acha em nosso idioma, no português (bairro) e no catalão (barri). A etimologia é **barr, bar, terra, campo, campo imediato a uma população. Bar, barr, barrio, continuou chamando-se esse campo mesmo depois de se haver edificado nele; e por último veio a significar ‘barrio’ uma das divisões locais ou municipais das povoações, e sobretudo das povoações grandes. Em algumas partes por ‘barrio’ se entende o mesmo que arrabalde, grupo de população situado no extremo da mesma, ou um pouco separado dela.**

(1) SOUSA, Antonio Candido Mello e. 1987. p. 57-65.

(2) Informação obtida, verbalmente, em entrevista com a professora Joana Cunha Leal, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nova de Lisboa, doutoranda sobre o tema, e, posteriormente, cruzada com bibliografia portuguesa obtida em bibliotecas.

Embora na língua francesa a raiz etimológica seja diferente, o francês **quartier** designa uma realidade similar à do bairro. E também no caso francês, embora **quartier** e **banlieue** (subúrbio, periferia) não se confundam exatamente, podemos encontrar **quartiers** em áreas periféricas.

Já na língua inglesa a questão terminológica é mais complicada. A palavra inglesa **neighbourhood** parece freqüentemente cobrir uma escala intermediária entre a **unité de voisinage** e o **quartier** da literatura sociológica culturalista francesa. Isto explica o porque de se enfatizar o papel do **neighbourhood** como uma 'área de relações primárias e espontâneas', o que não combina com o conceito francês de **quartier**, aproximando-se, isto sim, da **unité de voisinage**. No entanto, parece que a **neighbourhood unit** dos anglo-saxões e a **unité de voisinage**, à parte a analogia vocabular, não são rigorosamente idênticas, embora muitas vezes recubram a mesma escala espacial, pois a **unité** me afigura elástica a ponto de abarcar escalas muito pontuais (como um prédio de apartamentos), o que não seria o caso do **neighbourhood**. Seja como for, são as relações de tipo primário, e não as de tipo secundário como no **quartier**, que definem em princípio o **neighbourhood**.

O **district**, outro referencial, define-se precipuamente pelas relações de tipo secundário que se dão à sua escala. O **district** estará extremamente próximo do **bairro**, do **'barrio'** e do **quartier**, variando não somente conforme o indivíduo, mas também segundo a cidade em questão. Por outro lado, talvez justamente por representar uma escala amiúde excessivamente ampla, parece que o **neighbourhood**, e não o **district**, é o recorte territorial preferencial dos ativismos anglo-saxões, o que aparentemente também denuncia seu extremado *parochialismo*"<sup>3</sup>, afirma.

### Do ponto de vista morfológico-dimensional

O bairro revela, antes de tudo, uma forma física, um pedaço urbano que cresce segundo tais eixos ou tais direções, e um determinado tamanho, seu traçado segue uma lógica espaço-social. Ou seja, o bairro é uma unidade morfológica espacial e morfológica social ao mesmo tempo. Segundo Aldo Rossi, "a cidade, na sua vastidão e na sua beleza, é uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação; a unidade desses momentos é a unidade urbana em seu conjunto, a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside em seu preeminente caráter formal e espacial.

A unidade dessas partes é dada fundamentalmente pela história, pela memória que a cidade tem de si mesma. Essas áreas, essas partes, são definidas essencialmente pela sua localização: são a projeção no terreno dos fatos urbanos, a sua comensurabilidade topográfica e a sua presença, cultural e geográfica suficientemente circunscrita.

O bairro torna-se, pois, um momento, um setor da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à

(3) SOUZA, Marcelo José Lopes de. 1989. p. 153-154.

*sua imagem. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função; portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para alterar o limite do bairro*<sup>4</sup>. Em seguida, equaciona a escala bairro como sendo a intermediária entre as três escalas que, segundo ele, compõem uma cidade:

- A escala da rua, sendo os elementos fundamentais da paisagem urbana à escala da rua os imóveis de habitação, entendendo o imóvel como uma parcela cadastral em que a principal ocupação do solo é constituída por construção;
- A escala de bairro, formada por um conjunto de quarteirões com características comuns;
- A escala da cidade, considerada como um conjunto de bairros.

A mesma leitura a ser feita por Lamas, só que denominando as escalas de “dimensões”:

- *“Dimensão Setorial – a escala da RUA*

*A mais pequena unidade, ou porção de espaço urbano, com forma própria. Os elementos morfológicos identificáveis são essencialmente os edifícios, o traçado e também a árvore ou a estrutura verde, desenho do solo e o mobiliário urbano.*

- *Dimensão Urbana – a escala do BAIRRO*

*É a partir desta dimensão, ou escala, que existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. Pressupõe uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade. A esta dimensão, os elementos morfológicos terão de ser identificados com as formas à escala inferior e a análise da forma necessita do movimento e de vários percursos. São os traçados e praças, os quarteirões e monumentos, os jardins e áreas verdes, que constituem os elementos morfológicos identificáveis. Diremos também que a forma a esta escala se constitui pela adição de formas à escala inferior.*

- *Dimensão Territorial – a escala da CIDADE*

*Nesta dimensão, a forma estrutura-se através da articulação de diferentes formas à dimensão urbana, diferentes bairros ligados entre si. A forma das cidades define-se pela distribuição dos seus elementos primários ou estruturantes: o macrossistema de arruamentos e os bairros, as zonas habitacionais, centrais ou produtivas, que se articulam entre si e com o suporte geográfico”.*

Quanto aos dados numéricos de um bairro em si, encontrou-se referências em relação ao número de habitantes, moradias, extensão numérica e número de quadras e lotes. A maioria vem de bairros franceses do pós-guerra; assim, podemos dizer que um bairro agruparia entre 2.000 e 3.000 moradias (em torno de um centro secundário)<sup>5</sup>, teria uma população entre 5.000 e 10.000 habitantes<sup>6</sup>, e uma extensão de 3 a 5 km de perímetro<sup>7</sup>.

Sem qualquer paralelo com os bairros estudados, o princípio da grelha também quantifica a escala bairro, como se pode observar na Figura 1, utilizado

(4) ROSSI, Aldo. 1995. p. 63-67.

(5) LACAZE, Jean Paul. 1993. p. 33-37.

(6) RAPOPORT, Amos. 1978. p. 155.

(7) LEDRUT apud SOUZA, Marcelo José Lopes de. 1989. p. 144.

no projeto de implantação de seis cidades novas ao norte de Roraima<sup>8</sup>. A célula mínima é o lote – de 20 a 48 lotes agregados dão lugar a um quarteirão – e um conjunto de nove quarteirões configuram uma unidade de vizinhança. Para chegar à escala de bairro será preciso articular quatro conjuntos de vizinhança com nove quarteirões cada. E não é só isso; quando as 36 quadras resultantes são postas juntas, arma-se uma configuração hierárquica. A cada três ruas, uma se destaca por ser mais importante. Fica evidente o desenho de uma grande grelha que poderia se expandir em qualquer direção ou sobre qualquer território geofísico, bastava seguir sempre os mesmos princípios lógicos, a hierarquia e o agrupamento de escalas poderiam continuar infinitamente.

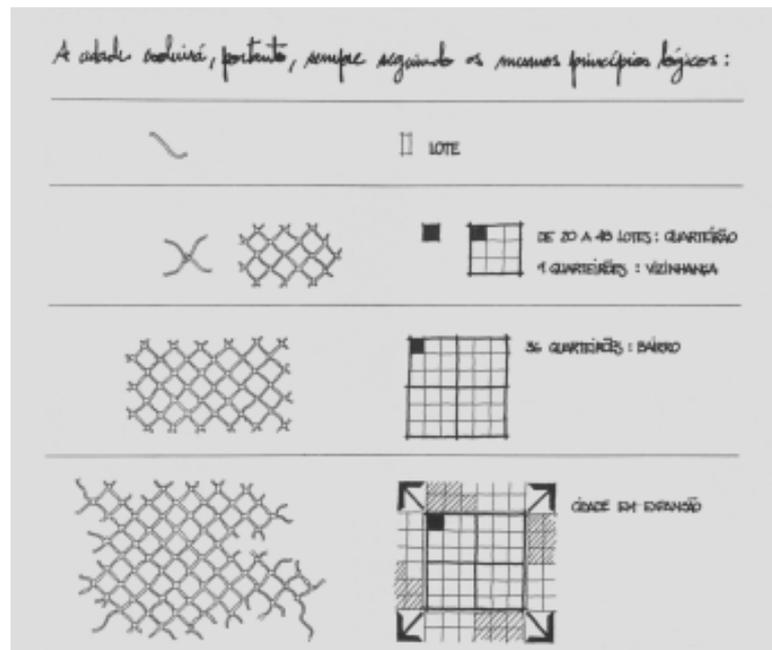


Figura 1 – Lote, quadra, unidade de vizinhança e bairro, a hierarquia e o agrupamento das escalas na composição do tecido urbano, segundo o sistema regular da grelha  
 Fonte: SANTOS, Carlos Nelson dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Eduff. São Paulo: Pojeto, 1998. p. 118

### Do ponto de vista político-administrativo

O bairro corresponde à dimensão de território ideal para a reivindicação coletiva. Essa especificidade do bairro torna-o uma unidade politicamente importante. *“Inegavelmente, o bairro constitui hoje a unidade urbana, a representação mais legítima da espacialidade de sua população, e não é por acaso que São Paulo conta com 900 ‘sociedades de moradores’, também conhecidas como ‘sociedade amigos do bairro’, cuja territorialidade é facilmente estabelecida”*<sup>9</sup>. Discurso retomado por Souza, em sua abordagem política acerca do bairro: *“ele é um referencial direto e decisivo, pois define territorialmente a base social de um ativismo, de uma organização, aglutinando grupos e por vezes classes diferentes (em níveis variáveis de acomodação ou tensão); catalisa a*

(8) SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. 1988. p. 115.

(9) WILHEIM, Jorge. 1982. p. 63-65.

referência simbólica e, politicamente, o enfrentamento de uma problemática com imediata expressão espacial: insuficiência dos equipamentos de consumo coletivo, problemas habitacionais, segregação sócio-espacial, intervenções urbanísticas autoritárias, centralização da gestão territorial, massificação do bairro e deterioração da qualidade de vida urbana”<sup>10</sup>.

(10) SOUZA, Marcelo José Lopes de. 1989. p. 140.

(11) RECIFE, 462 anos depois: engenhos originaram bairros recifenses. *Jornal do Commercio*, Recife, 7 mar. 1999, Caderno Cidades, p. 2.

No Recife, muitos engenhos viraram bairros, “na definição clássica, bairro é a denominação de cada uma das partes com que se costuma dividir uma cidade, para facilitar a orientação das pessoas e o controle administrativo dos serviços públicos, como correios, telefonia e limpeza. Os bairros, no entanto, não surgem ao acaso. Lutas e conflitos marcam a formação dessas áreas e até influenciam na escolha dos nomes. No Recife, muitos bairros têm origem nos engenhos situados às margens do rio Capibaribe. Aliás, a conquista do rio é um dos fatores mais expressivos no processo de formação e organização da cidade do Recife.

Para a secretária de Planejamento do Município, o bairro é ‘a expressão da identidade cultural da cidade. Toda pessoa procura morar no lugar que se parece com seu modo de vida, essa é a importância do bairro’<sup>11</sup>, diz.



Figura 2 – Poço da Panela, desenho ilustrativo elaborado pela autora, segundo as plantas cadastrais n. 81-70-05; 81-71-05; 81-72-00; 81-80-05; 81-81-00; 81-81-05  
Fonte: Recife/Fidem, 1989

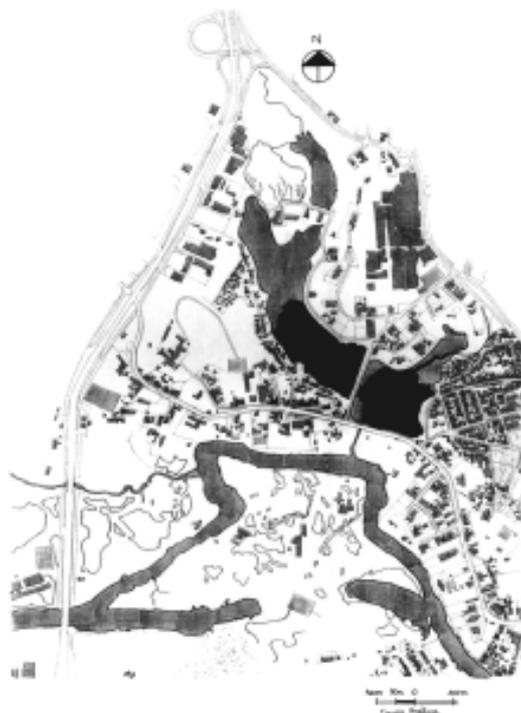


Figura 3 – Apipucos, desenho ilustrativo elaborado pela autora, segundo as plantas cadastrais n. 81-52-00; 81-52-05; 81-62-00; 81-62-05; 81-63-00; 81-63-05; 81-64-00; 81-72-05; 81-73-00; 81-74-00  
Fonte: Recife/Fidem, 1989

Rapoport define o bairro como um esquema socioespacial, significativo para as pessoas que notam os limites. Estes limites, muitas vezes ruas, podem ser claros ou difusos. O esquema – edifícios e gente – é mais claro que o fundo informal da cidade. *“Poderiam-se classificar em duas grandes dimensões: físicas e sociais, e os bairros existem, sobretudo, quando ambas as dimensões coincidem. Para definir um bairro, se usam por sua vez, critérios físicos e critérios sociais, com a influência, já indicada, da preferência e da seleção do hábitat, já que gente análoga escolhe áreas similares reforçando o caráter social e físico das mesmas.*

*Quase nunca as divisões oficiais coincidem com as subjetivas. As áreas têm que distinguir-se umas das outras, as fronteiras devem ter significado, com uma vida característica em comum. As divisões políticas e as divisões planificadoras são demasiado grandes. As delimitações mais claras de áreas subjetivas têm lugar quando barreiras físicas bem definidas coincidem com os esquemas cognitivos.”*<sup>12</sup>

Na identificação de um bairro, para os habitantes não interessa seu limite formal porque, se já o identificam físico-cognitivamente, pouco lhes importa até onde se estendem suas linhas. Enfim, limites administrativos e limites subjetivos devem coexistir. Não coincidem, na maioria das vezes, porém, faz-se necessário que existam, caso contrário essa escala urbana não existiria de fato. Os (limites) administrativos são necessários porque é partindo deles que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado ou assistido gestosamente; e os (limites) subjetivos se fazem necessários, visto que (o módulo social é aí definido) é a partir de sua definição coletiva que a base social se instaura, as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único.

### Do ponto de vista histórico-social

O bairro possui, além de uma forma, um tamanho e um limite político-administrativo (que o circunscreve), uma história social – constitui um módulo espaço-social, construído no tempo e vivenciado no espaço. Segundo Lefebvre, *“o bairro seria a ‘diferença mínima’ entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar de onde se faz a tradução (para e pelos usuários), dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais, etc.) em espaço comum, quer dizer, geométrico.*

*O bairro é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. Sem bairros, igual que sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópole. Mas não há cidade”*<sup>13</sup> (grifos meus).

Poderia ser batizado também de “escala paroquial”<sup>14</sup>, já que a paróquia não só tem uma existência religiosa, mas também uma existência civil e política. Não

(12) RAPOPORT, Amos. 1978. p. 162-163.

(13) LEFEBVRE, Henri. 1971. p. 195-200.

(14) *“A separação entre o religioso e o civil, entre a Igreja e as instituições, é um feito real e um conceito teórico ao mesmo tempo. As paróquias constituíam bairros, e quando a cidade, ao fazer-se demasiado grande, perdeu sua unidade e seu caráter de comunidade local, o seu núcleo – a igreja paroquial – perdeu simultaneamente suas funções e sua capacidade estruturante. Em consequência: a conexão bairro-paróquia, que em outros tempos constituía uma realidade, já não tem mais fundamento. Esta passa a ter uma existência simbólica mais que funcional ou estrutural; o que está simbolizado tem sua sede e seu sentido mais longe; é a religião, a Igreja Católica e Romana, cuja sede do poder papal está bem distante.”* LEFEBVRE, Henri. 1971. p. 197-198.



local da maior delas, situa-se hoje a moderna Igreja de Saint-Sulpice. Um burgo não estava submetido a um controle único (...). A maioria das frações de terreno em uma cité, ou num burgo, estavam arrendadas, e, freqüentemente, vendiam-se os direitos de construção. Assim, as pessoas construía a seu bel-prazer, pagando taxas à Coroa ou à Igreja.”<sup>16</sup>

## O QUE É LUGAR URBANO?

### Do ponto de vista do meio físico e cultural – da formação territorial

A lenda romana do *genius loci* ilustra bem esse ponto de vista. “Genius Loci é um conceito Romano. Os romanos antigos acreditavam que existia um espírito do lugar – o *genius loci* (*genius* – espírito; *loci* – lugar) – guardião para cada cidade. Este espírito dava vida às pessoas e aos lugares, acompanhando-os do nascimento à morte, e determinava seu caráter e essência.

*Cada lugar onde ocorria vida continha seu próprio genius, que se manifestava tanto na locação como na configuração espacial e na caracterização da articulação.”*<sup>17</sup>

Quando o homem habita (no sentido de lar – *dwel*), está, simultaneamente, localizado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas podem ser chamadas de “orientação” e “identificação”. “Todas as culturas têm desenvolvido ‘sistemas de orientação’, ou seja, ‘estruturas espaciais que facilitam o desenvolvimento de uma boa imagem ambiental’. Alguns destes sistemas de orientação são baseados ou derivados de uma estrutura natural existente. Onde o sistema é fraco, a formação da imagem torna-se difícil, e o homem se sente perdido. Sentir-se perdido é evidentemente o oposto da sensação de segurança que distingue o habitar, o lar. Nas sociedades primitivas, os menores detalhes do meio ambiente eram conhecidos e plenos de significados, perfazendo estruturas espaciais complexas.

E ‘identificação’ significa ‘ser amigo’ de um ambiente em particular, porque este determina o ‘mundo’ acessível. Só sendo amigo é que vem a identificação, o pertencimento, a estabilidade psíquica e emocional frente àquela paisagem conhecida, onde a natureza convida o homem a se estabelecer, fixando-se espacialmente e culturalmente, ou seja, lugares onde hajam estruturas determinadas localmente e condicionadas culturalmente. Assim, o homem nórdico tem de ser amigo do nevoeiro, do gelo e dos ventos frios. Nos países nórdicos, a casa deve dar ao homem proteção física e ser fechada. Mas ao mesmo tempo ele quer simbolicamente aberta para trazer a natureza para dentro. Daí a tendência em usar materiais ‘naturais’ em seu interior. O árabe tem de ser amigo de um infinito e desértico areial e de um sol escaldante. No deserto a casa é fechada,

(16) SENNETT, Richard. 1997. p. 163-164.

(17) NORBERG-SCHULZ, Christian. 1980. p. 18.

*tanto num senso prático como num simbólico; ela representa um mundo 'paradisíaco' que forma um complemento ao exterior.*"<sup>18</sup>

Ainda dentro desse viés do meio físico e cultural, la Cecla trabalhou sobre pequenos vilarejos de pescadores na costa italiana, chegando à idéia de "mente local" como sistema de referência da identidade, das coisas comuns, locais, àquela comunidade que vivencia aquele ambiente em particular. *"Isto que distingue o processo de aprendizado individual no que diz respeito ao lugar, a 'mente local' de um lugar, é uma frequência coletiva e assídua no tempo. A mente local que se forma é especializada com respeito a uma geografia, a um clima, a um hábitat, que é aquele específico, ou seja, o sistema de percepção só é possível naquelas condições únicas de luz, de calor, de odor e de sabor. A 'territorialidade humana' se faz com a sobrevivência, nem mais nem menos da palavra. Trata-se de uma sobrevivência social e cultural muito mais que física. Que se faz com o aprendizado e a cognição. Uma cidade não é só aquela que conhecemos, mas a reserva de conhecimento que sabemos, que é o que nos tranquiliza (ou nos perturba) pelo fato que podemos conhecê-la. A identidade parte de uma separação, e a distância as vezes se alarga, às vezes se restringe. A natureza se reserva invisível, torna-se visível pela cultura, o meio, o habitar, que transforma a visibilidade natural de um lugar em um invisível (a mente local) e essa sua invisibilidade constrói o assentamento.*"<sup>19</sup>

### Essência vivida

Segundo Dolores Hayden, a força do lugar (*the power of place*) pode ser aferida por meio de roteiros espaciais de festas, paradas e procissões. *"Embora sua presença seja temporária, eles podem ser altamente efetivos em reivindicar ou afirmar a importância simbólica dos lugares. Elas entrelaçam tradições artísticas vernaculares (nos seus costumes, musica, dança e performance) com a história espacial (lugares onde começam, marcham e acabam).*"<sup>20</sup> Isso é o segredo da força dos lugares históricos, cujas persistências são um *container* de experiências a contribuírem fortemente para sua memorabilidade intrínseca, para sua força de lugar.

De acordo com Tuan, o lugar se expressa por ser o lar, "o **locus** de reminiscências, despido de invólucros, que devido à sua familiaridade, protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A história é responsável pelo amor à terra natal. Ele vê gravada na paisagem circundante a história antiga das vidas e as realizações dos seres imortais que ele venera."<sup>21</sup>

Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente. Outra noção a ser colocada sobre o conceito de lugar é a de "uso". *"O habitante, o mortal, só existe pelo seu enraizamento, sua adesão a um terroir, um lugar de origem, uma referência familiar. O vivido tem um caráter*

(18) Idem, p. 21.

(19) LA CECLA, Franco. 1993. p. 43-71.

(20) HAYDEN, Dolores. 1997. p. 38-46.

(21) TUAN, Hi-Fu. 1980. p. 91-129.

*espacial local – no bairro. Liga-se ao habitar um espaço produzido. Como o espaço não é para o vivido um simples quadro e como o sujeito vive através de um modo de apropriação, a atividade prática vai mudando constantemente o espaço e os seus significados, marcando e renomeando os lugares acrescentando, por sua vez, traços novos e distintos que trazem novos valores, presos aos trajetos construídos e percorridos. É impossível ignorar o fato de que o homem, para habitar, produz um certo espaço, delimita um território com o qual se identifica. Ao demarcar o lugar, com suas ações, com seu 'ir e vir' no uso, para a vida, o homem se identifica com o espaço porque seus traços, suas marcas o transformam. Na convivência com o lugar, e nele, se produz a identidade.”<sup>22</sup>*

(22) CARLOS, Ana Fani Alessandri. 1996. p. 81 e 116.

Figura 5 – Perspectiva aérea, manual, artística e aquarelada de Apipucos. Autora e direitos autorais fornecidos: Alessandra Callado Bezerra de Mello, 2002  
Fonte: Autora

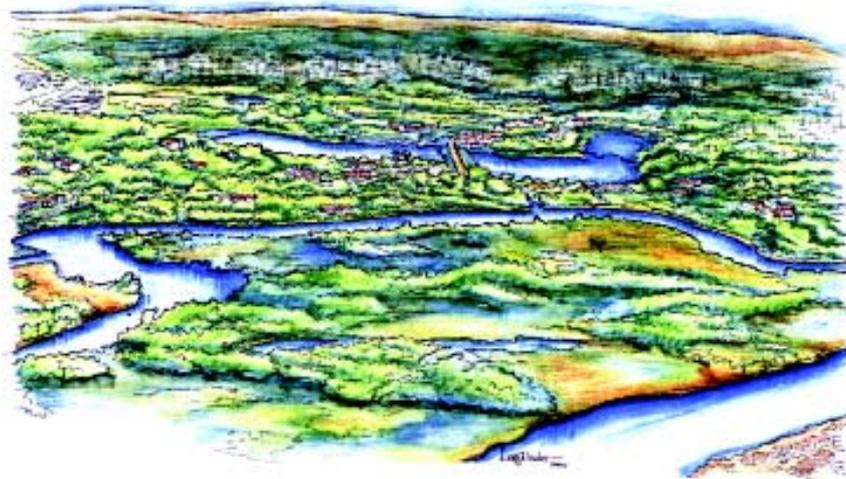
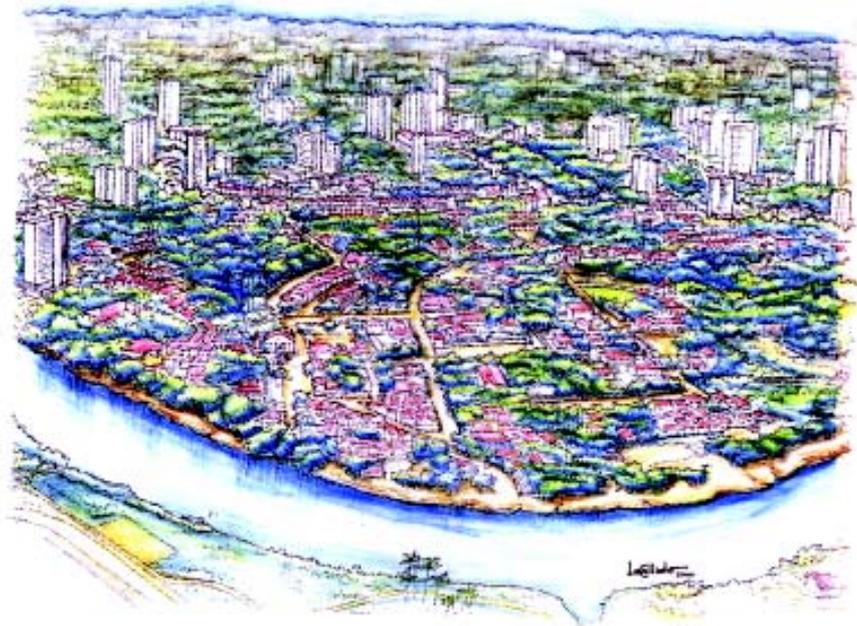


Figura 6 – Perspectiva aérea, manual, artística e aquarelada do Poço da Panela. Autora e direitos autorais fornecidos: Alessandra Callado Bezerra de Mello, 2002  
Fonte: Autora



## A ESCALA BAIRRO E O CONCEITO DE LUGAR URBANO

A escala bairro pode ser definida por parâmetros numéricos e também qualitativos, mais difíceis de aferir-se, porém, sem grandes obstáculos para se identificar. Essas variáveis compõem a verdadeira essência de um bairro, interagem-se e complementam-se. O bairro é uma unidade territorial, uma unidade político-administrativa, ao mesmo tempo em que enlaça a história e espacializa a sociedade. Essas três características já o qualificam como um recorte fundamental da escala urbana.

Primeiro, o bairro é a unidade territorial perceptível, apreensível em escala humana e com a possibilidade de promoção do sentido de lugar. Bairro é a escala na qual mais se aproximam o espaço social e o espaço geométrico, é o ponto de maior convergência entre eles, como colocava, outrora, Lefébvre. É uma escala intermediária entre “rua” e a “cidade”, essencial para a existência da realidade urbana.

Segundo, é na escala de bairro que se assume a dimensão sociopolítica. Os nomes, muitas vezes, dizem muito a respeito desse ou daquele bairro. Muitas vezes, até o perfil de seus habitantes define esse ou aquele bairro. A rua pode até ter uma ligação mais coesa entre vizinhos, mas é na escala do bairro que os vizinhos se unem perante a cidade, e aí a unidade político-espacial do bairro toma corpo e significado. É por meio dessa escala urbana que o Estado organiza os serviços urbanos sob seu controle oferecidos, como correios, coleta de lixo, telefonia, limpeza urbana, etc. Embora os limites sejam pura formalidade de papéis, na prática, servem de instrumentalização dos órgãos gestores da cidade.

Terceiro, a escala de bairro é a escala imediata da percepção, da percepção dos sentidos, adequada e compatível com as dimensões do corpo humano, passível de ser percorrida a pé. É a escala na qual o microcosmos é o do pedestre, e a percepção é mais aguçada pelos cinco sentidos humanos. O lugar é conhecido/reconhecido para aqueles que o freqüentam porque é trilhado diariamente, dá-se a conhecer pelo “uso”.

## OS BAIRROS DE APIUCOS E POÇO DA PANELA

Os bairros de Apipucos e Poço da Panela, situados no vale fértil do Capibaribe, estão presentes desde o início da formação da cidade, palcos de acontecimentos históricos de relevo e desde sempre local e fixação da aristocracia açucareira recifense. Já vêm demarcados há quatro séculos, pois o que era delimitado como “*engenho*” é, hoje, desmembrado em dois ou três bairros. Por exemplo, o que pertencia ao engenho Casa Forte, atualmente, constitui os bairros de Casa Forte, Poço, Santana e parte de Parnamirim, acredita-se; da mesma forma, do engenho Apipucos constitui-se os bairros do Monteiro, Apipucos, Dois

Irmãos. Embora não fossem delimitados no terreno (*in loco*) esses limites, de fato existiam nas escrituras dos engenhos.

O que se tentou trabalhar foram questões de nomenclatura rebatidas no espacial (engenhos – freguesias e povoados – arrabaldes – bairros); assim, podemos dizer que os primeiros recortes ou divisões territoriais nacionais se realizaram com as capitanias hereditárias, doação de sesmarias e engenhos (havia 16 na planície recifense), os quais, aos poucos, vão se transformar em povoados e freguesias (no total de 11), e estas em arrabaldes e bairros, nomenclaturas as quais se sobrepueram e conviveram por tempos.

A composição urbana inicial (séculos 16 e 17) dividia-se entre a *Vila de Olinda*, de fato instituída como vila com o aparato jurídico e burocrático da capitania (no alto da colina), o *centro portuário* – um agrupamento de pescadores e comerciantes, em um enlameado de poças d’água, bancos de areia e mangue, e a *planície recifense* – um extenso canal longo cujo melhor acesso era pelo rio. A oeste ou para trás dessa aldeia de pescadores ficavam espalhados os engenhos açucareiros, próximos aos cursos d’água e matas para seu abastecimento, nessa época, terras distantes em relação ao porto. O vale do Capibaribe vai logo despontar como um dos eixos de ocupação dessa extensa planície. “*Os engenhos eram centros de grande atividade, de cultura, de população numerosa, verdadeiras zonas de riqueza e de prosperidade, assentados às margens do Capibaribe, desse rio que se impôs como acidente geográfico e fator econômico e histórico de primeira ordem, na comunicação desses valores locais, com um centro comum que era o porto.*”<sup>23</sup>

(23) COSTA FILHO, Olímpio. 1944.

Dos séculos 17 ao 19, essa escala territorial passa a chamar-se *paróquia* ou *freguesia* a qual, no fundo, era uma célula menor, simultaneamente eclesiástica e administrativa, de um urbano maior, de que fazia parte. Era um posto de reconhecimento elevado ante a província, tinha sua capela curada e reconhecida, e, conseqüentemente, adquiria *status* de um povoado elevado à categoria de freguesia ou paróquia. O limite de uma freguesia era muito extenso, englobava vários bairros de hoje, várias capelas, vários engenhos, vários povoados, vários fogos. A freguesia do Poço incluía o próprio Poço, Apipucos, Casa Forte, Monteiro, D. Irmãos e estendia-se até Olinda ao norte, Camaragibe à oeste, as freguesias da Boa Vista e da Várzea pelo eixo do rio Capibaribe. Limites descritos no *Diccionario Chorographico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de 1910, de Sebastião Galvão, porém não espacializados cartograficamente. A história do Poço se remonta a partir daí, quando ainda terras do engenho Casa Forte, situadas bem próximas à curva do rio, são prometidas a N. Sa. como cura a uma nobre da região, a qual, obtendo a graça prometida, doa um terreno na localidade para que fosse construída uma capela dotada a N. Sa. da Saúde. Assim surge o povoado, já indicado na época para banhos terapêuticos de rio no Capibaribe, logo a ser erigido em paróquia, por volta de 1820. A casa, a ser construída ao lado da igreja, e na qual mais tarde residirá o abolicionista José



Figura 7 – POST, Frans. Parte da casa-grande e o engenho Apipucos, século 17. Coleção National Gallery, Dublin

Fonte: Arquivo Público Estadual, Recife, PE



Figura 8 – Poço da Panela em 1847, vista da margem direita do Capibaribe. Litografia colorida à mão, executada em Dresden

Fonte: FERREZ, Gilberto. *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife: 1755-1855*. Recife: Fundarpe, 1984, p. 51

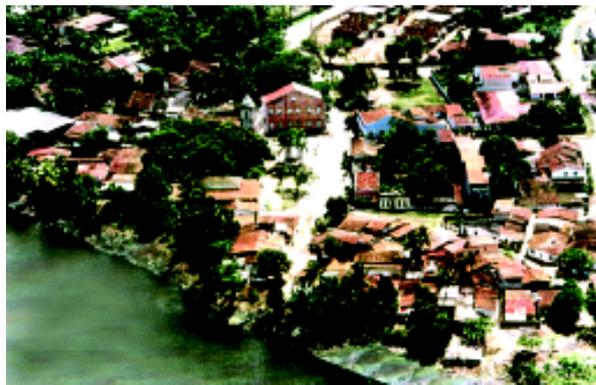


Figura 9 – Largo da Igreja de N. Sa. da Saúde e Estrada Real do Poço da Panela

Foto: Gustavo Maia, 1999



Figura 10 – Presença de moradores estrangeiros em Apipucos

Foto: Autor desconhecido. Fonte: Arquivo Público Estadual, Recife, PE

Mariano, também entra para a história do local, pois em seu porão eram escondidos os negros fugidos dos engenhos locais, de madrugada escondidos revestidos nos fundos das canoas que singravam o rio rumo ao Ceará, onde adquiriam a alforria, já que em Pernambuco tardou bem mais para conseguirem.

Em seguida vêm os arrabaldes (séculos 19 e 20), como o próprio nome esclarece – *arrabal* – o que está distante, fora do perímetro urbano adensado – a várzea do Capibaribe ainda era pouco ocupada, se comparada ao centro do Recife (bairros do Recife, Boa Vista, S. Antonio e S. José). Os limites formais desses arrabaldes não estavam espacializados em nenhuma carta conhecida ou levantada, apesar da fartura de bibliografia sobre os arredores e arrabaldes do Recife. É a época áurea desses bairros, tempo dos passatempos de férias, veraneios, hotéis, teatros, saraus noturnos. Tempo da chegada dos imigrantes ingleses e germânicos, funcionários das companhias de serviços públicos os quais começam a ser implantados (saneamento, bonde, abastecimento d'água), que vão escolher esses arrabaldes bucólicos para viver e, aos poucos, vão influenciando os locais com seus hábitos e costumes. É a época também da chegada das ordens religiosas (os Maristas, em Apipucos, e as irmãs francesas da Sagrada Família, em

Casa Forte) e dos viajantes (Tollenare, Korster, Maria Graham, etc.), os quais irão produzir caprichosos elogios a esses arrabaldes.

Finalmente, os *bairros* de Apipucos e Poço da Panela de hoje, de ares saudosos e bucólicos, continuando a abrigar a história e a inspirar novas gerações de artistas e heróis locais. Suas paisagens são fontes de geração e concentração para diversos ateliês espalhados pelos bairros, sedes de blocos carnavalescos, berços da intelectualidade local.

Voltando aos limites, quando a igreja perde o controle da espacialidade (da freguesia ou paróquia e seus povoados) surgem as zonas administrativas (nos anos 50, 60 e 70, que, futuramente, irão servir de base para os locais de votação eleitoral – anos 80) e essas, por sua vez, darão lugar aos limites dos bairros atuais (anos 90), quando se aproveitam as mesmas linhas, as mesmas divisões e limites dos bairros. Hoje o município do Recife está dividido em seis Regiões Político-Administrativas (RPA's), encobrindo um total de 94 bairros componentes. Apipucos, Poço e Casa Forte fazem parte da RPA 3, com 29 bairros no total. Apipucos e Casa Forte engenhos (o Poço fazia parte das terras desse engenho), Poço da Panela freguesia (incluía aí Apipucos e Casa Forte, entre outros), Apipucos, Casa Forte e Poço da Panela arrabaldes, todos bairros hoje (Figuras 11 e 12).

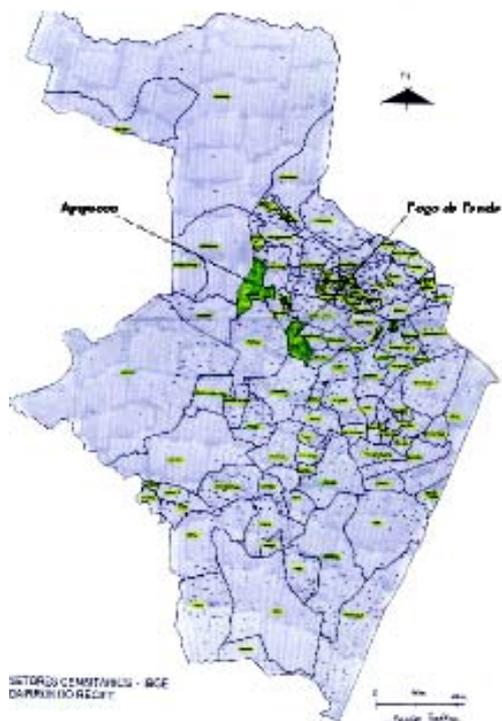


Figura 11 – Os limites dos bairros recifenses, tomando-se como base os setores censitários do IBGE, anos 80  
Fonte: PCR/SEPLAN, Recife, PE

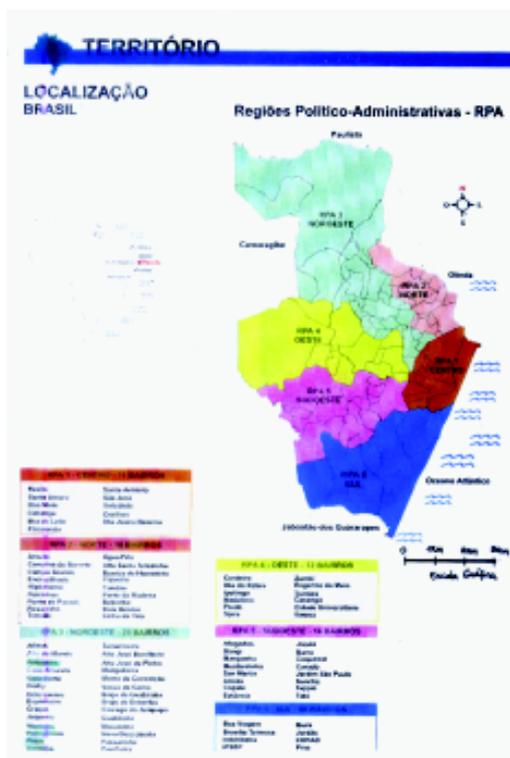


Figura 12 – Delimitação das Regiões Político-Administrativas (RPA's) e bairros componentes  
RECIFE, Prefeitura da Cidade do. *O Recife em números*. Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 1998 (folheto)

Em Apipucos e no Poço, dados obtidos (baseados no censo populacional do IBGE de 1991 e nos limites político-administrativos oficializados em 1996) referem-se às suas populações – 3.267 hab. e 3.778 hab., suas áreas – 123 ha e 87 ha, e às densidades populacionais – 26,59 hab./ha e 43,43 hab./ha, respectivamente (Figuras 2 e 3). No Poço identificam-se e quantificam-se, claramente, as quadras, os lotes e as vias, enquanto em Apipucos não se consegue fazer o mesmo. As micropaisagens (ou assentamentos sócio-espaço-temporais, se se pode chamar assim – o largo histórico em duas colinas, os assentamentos nos morros circunvizinhos, o loteamento Othon B. Mello na planície central do açude, as favelas nas margens e aterros e o verde como pano de fundo) são mais fortes; no entanto, ambos são “bairros”, e com forte sentido de lugar, a demonstrar que nem sempre os quantitativos se aplicam ou se bastam. O morfológico-dimensional, por si só, não qualifica o todo (o conjunto do bairro como um todo), o político e o histórico-social se complementam e equilibram-se.

A centralidade desses bairros ainda se dá na igreja e em seu largo e casario próximos. A ligação paróquia-núcleo de bairro ainda se mantém forte, em particular nesses bairros. Como era comum no passado, essa ligação sobreviveu. Talvez devido em parte à ligação paróquia-núcleo de bairro a coesão espacial seja forte, os limites sejam facilmente identificados pelos moradores, exista o apego ao lugar. E ao mesmo tempo contribuiu para que os limites não se tenham perdido em vários séculos ou se diluído na mente dos moradores. São lugares nos quais todos se “conhecem” e “reconhecem-se” na vizinhança, existem fortes laços afetivos entre as famílias e com o próprio sítio, diferente do dia-a-dia da cidade grande. E, sem dúvida, esses laços passam, obrigatoriamente, por esses contornos. Contornos que nos parecem ser os mesmos de quatro séculos atrás, e que nos dizem muito. Uma vez que esse parcelamento permanente e contínuo ao longo do tempo conduz ao pertencimento, à identificação, ao apego. Os engenhos que se tornaram bairros. Bairros que são verdadeiros *genius loci* do Recife.

O bairro tem futuro? Não sei se a escala de bairro propriamente dita, mas sua essência, seu sentido deve permanecer. O bairro é a antítese da desagregação social. Pela escala do cotidiano há a possibilidade riquíssima do reconhecimento, do pertencimento e do fortalecimento de vínculos, da promoção do espaço gregário-comunicativo por excelência. É o que trata Richard Sennett em *Carne e pedra*, quando diz que a religião pregava a amarração, o apego ao lugar, as raízes, o contrário da Nova York de hoje, cidade multicultural e plena de virtualizações. Será que o desenraizamento é a solução? O apego ao lugar não se faz mais importante na segurança e na estabilidade humana? Como garantir? Eis a questão. Quais os desdobramentos futuros?

Talvez um caminho seja o de rever nossas espacialidades e uma escala “base” para esses estudos seja justamente a escala do bairro. Os lugares urbanos apresentam sempre as mesmas características em qualquer parte, um conceito

mais sensível e geográfico que propriamente urbanístico, mas ajuda na compreensão da urbanidade como um todo.

Não sei se responderia, com certeza, se os bairros são lugares urbanos; no entanto, afirmaria com convicção que os critérios qualitativos sobrepõem os quantitativos na promoção do sentido de lugar. E assim é em Apipucos e no Poço da Panela. Enfim, são bairros fora do circuito turístico “rentável” da cidade. Não se mostram nem são mostrados à primeira vista. Talvez consciente ou até inconscientemente seus habitantes os preservem da vista alheia e curiosa, para desfrutar eles próprios suas essências, suas utopias, elevarem seus orgulhos e preservarem suas histórias.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplan, Zahar, 1987.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BARROS, Sandra Augusta Leão. *O que são os bairros: Limites político-administrativos ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BENÉVOLO, Leonardo. *A cidade na história da Europa*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CECLA, Franco Ia. *Mente locale: per un'antropologia dell'abitare*. Milão: Eléuthera, 1993.
- COSTA FILHO, Olímpio. O Recife, o Capibaribe e os antigos engenhos. *Revista do Norte*, n. 2, 1944.
- HAYDEN, Dolores. *The power of place: Urban landscapes as public history*. Cambridge: The MIT Press, 1997.
- LACAZE, Jean Paul. *Os métodos do urbanismo*. Campinas: Papirus, 1993.
- LAMAS, José Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.
- LEFEBVRE, Henri. Barrio y vida de barrio. In: *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1971.
- MARX, Murillo de Azevedo. *Cidade no Brasil: Terra de quem?* São Paulo: Edusp, 1991.
- MORRIS, A. E. J. *História de la forma urbana: Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. Nova York: Rizzoli, 1980.
- RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales com el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RUBIÓ, Manuel de Solá-Morales i. *Las formas de crecimiento urbano*. Barcelona: Ediciones UPC, 1997.
- SANTOS, Carlos Néson Ferreira dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Eduff; São Paulo: Projeto, 1988.

SANTOS, Milton de Almeida. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SOUSA, Antonio Candido de Mello e. Os tipos de povoamento. In: *Os parceiros do rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 51, p. 139-172, 1989.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

WILHEIM, Jorge. O bairro, unidade urbana. *Projeto São Paulo: Propostas para a melhoria da vida urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

## PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

Bairro, escala territorial, lugar urbano, limites político-administrativos, identidade urbana, essência vivida, Apipucos e Poço da Panela.

*District, territorial scale, urban place, political-administrative limits, urban identity, lived essence, Apipucos and Poço da Panela.*

---

### **Sandra Augusta Leão Barros**

Arquiteta e urbanista (UFPE, 1995), mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (FAUUSP, 2002). e-mails: saglbarros@truenet.com.br e galeao@usp.br. Dissertação de mestrado intitulada *O que são os bairros: Limites político-administrativos ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife*, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite. Bolsista da Fapesp 1998-2000.